

"Universidade em Foco. Reflexões sobre a Educação Superior"

Livro de Dilvo Ristoff

Editora Insular, Florianópolis. livraria@insular.com.br

Dilvo I. Ristoff

UNIVERSIDADE EM FOCO

Reflexões sobre a
Educação Superior



Editora
Insular

Este é o título do livro que Dilvo Ristoff publicou recentemente pela Editora Insular. Como o próprio autor explica, os 43 textos aqui reunidos e distribuídos em 239 páginas em grande parte derivam de palestras proferidas em várias universidades brasileiras ou são artigos publicados em jornais e periódicos. É indiscutivelmente uma grande contribuição para o debate de temas importantes sobre a edu-

cação brasileira. Sua temática é de grande atualidade; os problemas que aí estão discutidos são todos deste momento e ainda não encontraram respostas conclusivas. As "reflexões sobre a educação superior", como modestamente o autor caracteriza o livro, têm caráter temporal. São as grandes questões de hoje sobre a universidade, especialmente a pública, que constituem o foco central. As reformas da educação superior preocupam, na medida em que podem desfigurar a universidade e retirar-lhe sua essência educativa. Acho muito significativa a historinha que Dilvo coloca na abertura do livro, contada por Idries Shah. Ela nos leva a pensar. "Certo dia Nasrudin encontrou um falcão sentado no parapeito da janela. Ele nunca havia visto um pássaro desta espécie em sua vida. 'Pobre criatura', exclamou compadecido. 'Como puderam te deixar chegar a este estado!' Cortou as garras do falcão, aparou o seu bico, e podou as suas penas. 'Agora', exclamou Nasrudin satisfeito, 'agora você está com mais cara de pássaro'.

Como diz Newton Lima Neto, na "orelha" do livro, "as revelações surpreendentes, somadas a uma visão educacional que valoriza o ser humano e a Universidade enquanto promotores da arte, da ciência e da justiça social, tornam estes textos referência obrigatória para os que estudam políticas públicas da educação superior e para os que lutam pela educação superior pública, gratuita e com qualidade social".

Tive o privilégio de fazer a "apresentação" deste importante livro, nos termos que seguem.

Dilvo Ristoff, universitário por compromisso existencial, é reconhecidamente um dos mais coerentes e incansáveis militantes da educação pública. Sua matéria é a universidade. Seu projeto é a construção de uma educação pública com qualidade e justiça sociais. Este seu livro, que tenho a honra de apresentar, revela bem a capacidade daqueles hoje cada vez mais raros intelectuais para quem o pensamento e a ação andam juntos. A tematização da educação superior não é aqui um mero

exercício mental descontaminado do chão onde vigem as experiências contraditórias que constituem essa realidade complexa. Emergindo das experiências práticas que ganharam consistência nos últimos seis anos, as elaborações teóricas reunidas neste livro têm muitas das marcas por ele vividas dessa história recente que vai tecendo o texto da educação superior brasileira. Nessa história ainda quente, muitas coisas de graves consequências foram e estão sendo gestadas, outras igualmente ainda estão por vir; estas que hão de vir, são, portanto, em seu significado etimológico, "aventuras"; porém, como dizia o Quixote para Sancho, à semelhança de muitas já chegadas, "no son aventuras de ínsulas, sino de encrucijadas". Essa é a matéria e este é o tom do livro. Simples, claro e elegante, como convém ao bom estilo. Severo e percuciente, ao tratar das crescentes agressões que são feitas à educação pública. Contudo, não sonega esperança e otimismo, como é da essência da boa pedagogia, ao refletir sobre determinadas conquistas da organização dos docentes, especialmente quando se refere à construção coletiva de um programa brasileiro de avaliação universitária a que o autor emprestou todo o seu generoso entusiasmo e sua competência técnica e política.

Não me equivoco se situo prioritariamente essa militância prática e teórica de Dilvo Ristoff no campo de avanços e recuos da avaliação universitária, onde tem lugar especial o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB). Sua opção por esse campo de intervenção na luta pela universidade brasileira como instituição socialmente relevante e justa é sem dúvida intencional e adequada. Ele tem consciência da centralidade que nos últimos anos a avaliação vem adquirindo no contexto das reformas educacionais. Com efeito, as reformas da educação empreendidas ultimamente pelos governos se colocam como essenciais para a resolução de problemas que ultrapassam amplamente o domínio educacional, tendo muito a ver com os domínios sociais, políticos e sobretudo econômicos. É perfeitamente compreensível que toda mudança, real ou simplesmente proposta, em qualquer campo de atividade humana, necessita ter avaliadas a sua eficiência e a sua adequação. Por isso, a avaliação está no cerne de todas as políticas atuais de regulação dos resultados da educação superior empreendidas pelos governos, através da desregulação dos seus processos e da flexibilização das formas institucionais. É também claro que toda disputa gerada pelas propostas e ações reformistas acaba se desenvolvendo, em grande parte, no campo de batalha da avaliação. Essencialmente, é a disputa pela titularidade da avaliação, pois estão em jogo os princípios, os objetivos, os critérios e as metodologias, ou seja, o de que real-

mente se trata é do domínio de uma concepção de avaliação articulada coerentemente a uma concepção de universidade e, portanto, de sociedade. A questão da avaliação carrega significados de fundo político, filosófico e social, que a universidade empenha-se em preservar, e que este livro expõe para o debate público. O que está em jogo na avaliação é o sentido da universidade e da sociedade. Como propõe o autor, em avaliação não há neutralidade, e é indevido escamotear a concepção valorativa, pois avaliar tem a função de (a)firmar valores. Esta é uma forma de não ficar indiferente, pois afirmar algum valor corresponde também a infirmar o seu oposto, como a escolha da cara denega a coroa.

Gestado em 1993, construído pouco a pouco nos anos seguintes, o PAIUB realizou, ao menos em seus primórdios, ou seja, até 1995, a síntese do pensamento universitário brasileiro, ainda fragmentário e meio inconsistente, a respeito de avaliação institucional. Havia que dar corpo e consistência a essas aspirações e idéias que povoavam os campi. Com a experiência e a liderança consolidadas como membro do Comitê Assessor do PAIUB, coordenador do processo avaliativo da Universidade Federal de Santa Catarina e presidente do Fórum de Pró-Reitores de Graduação, Ristoff se dedicou intensamente à elaboração teórica e à consolidação prática da avaliação institucional no Brasil, o que vale dizer, à construção e disseminação do PAIUB, enquanto este se constituía os significados essenciais da avaliação universitária no país. De suas palestras em universidades de todos os tipos e quadrantes resultaram textos de grande validade para a comunidade de docentes que nos primeiros anos do PAIUB se dedicava à implantação de processos avaliativos segundo os princípios e a orientação geral metodológica desse programa. E é precisamente a respeito da questão dos princípios que se constitui uma das mais importantes contribuições do autor. Efetivamente, foi ele o primeiro a explicitar os princípios do Documento Básico do PAIUB. Sua interpretação ganhou plena aceitação nos meios universitários, de modo que sua formulação passou a ser incorporada oficialmente ao corpus conceitual desse programa de avaliação: globalidade, comparabilidade, respeito à identidade institucional, não premiação ou punição, adesão voluntária, legitimidade e continuidade. Sua contribuição na explicitação desses princípios é inestimável, mas destaco a ênfase e o valor que soube conferir, de modo especial, à questão da globalidade e ao tema da identidade de cada instituição. Uma supera o simplismo e os vieses das visões parciais, a outra dá o devido valor a cada instituição e sua missão, respeitando sua história e modos de sua realização. A globalidade não é abstrata; ela se realiza nas relações entre as partes e o todo que se estabelecem em cada instituição. Não há compreensão do todo sem a percepção das partes; as partes só ganham sentido quando suas formas e funções se integram em uma visão de totalidade. Assim deve ser construída a imagem de uma instituição complexa ("complexa" significa etimologicamente "tecida em conjunto") como é a universidade. Permita-me o leitor evocar um pequeno texto de Ítalo Calvino de denso conteúdo simbólico. Através dele podemos refletir sobre a importância das articulações - e também do problema da relação quantidade-qualidade - na constituição da globalidade: Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra. - Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? Pergunta

Kublai Khan. - A ponte não é sustentada por essa ou aquela pedra - responde Marco - mas pela curva do arco que estas formam. Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta: -- Por que falar das pedras? Só o arco me interessa. -- Sem pedras o arco não existe.

Dilvo Ristoff tem clara consciência dos ruídos de comunicação que uma avaliação como aquela produzida nos meios universitários pode provocar na opinião pública, em geral pouca afeita ao caráter singular do mundo acadêmico, um espaço público e livre, reservado ao permanente avanço da arte e da ciência, e em parte familiarizada com os "rankings" e a ótica dramata (quem fez o que, onde, quando, como e porque) da grande imprensa. Daí sua preocupação com a comunicação e especialmente com as relações entre a universidade e a mídia.

A sociedade é referência constante. A universidade não deve perder o sentido forte de instituição cuja função essencial é pública. Os textos de Ristoff enfrentam sem vacilações essa questão da função pública da educação, cada vez mais desestruturada pelas avassaladoras políticas de privatização. Na sua argumentação, utiliza-se do recurso de estudos comparados para melhor dimensionar a questão brasileira. E busca o exemplo dos Estados Unidos, país hegemônico muitas vezes pretendido como um modelo para países periféricos. Neste caso, o modelo favorece a idéia de educação pública. Lá, diz o autor, a privatização não faz escola. Fracassaram muitas iniciativas de privatização da escola fundamental em diversos estados daquele país, e a política de Clinton para o nível superior é francamente voltada para o fortalecimento da educação pública; cria, então, importantes mecanismos que favorecem o acesso universal às escolas de nível superior.

Não basta ser universidade pública. É fundamental que tenha qualidade, não segundo os critérios eficientistas e utilitaristas que constituem o valor central do mercado, coração do capitalismo neoliberal, mas qualidade carregada de sentido e valor fortemente sociais. Não basta formar bons profissionais, por mais importante que isto seja. É imprescindível formar no sentido da cidadania e da consciência da nacionalidade. A universidade pública estará certamente comprometida com a produção de conhecimentos e artefatos úteis, do ponto de vista econômico, mas sobretudo deverá (a)firmar o valor da ciência e da formação humana para o desenvolvimento da sociedade como um todo, respeitando e ajudando a consolidar os valores permanentes da humanidade, como a democracia e a justiça. Não basta à ciência ser rigorosa; além disso, ela deve estar orientada ao benefício da sociedade. Não basta à universidade ser útil, ela tem que ser também justa, do ponto de vista social.

Essas e muitas outras reflexões brotam dos textos em boa hora aqui reunidos e publicados. Alguns deles já haviam saído em importantes jornais brasileiros, outros estão na revista "Avaliação", cuja existência e desenvolvimento (13 números já editados), aliás, muito se deve a Dilvo Ristoff. O leitor encontrará aqui um rico material que vem alimentar consideravelmente os debates sobre educação superior. Diante de tais problemas, nas encruzilhadas do fim do milênio, a ninguém é permitido ficar indiferente. Este livro provoca uma tomada de posição. Fazia falta.

Resenha: José Dias Sobrinho